

## 1 - INTRODUÇÃO

A safra de algodão 1992/93 foi iniciada dentro de um conjunto de expectativas pessimistas. Os estoques mundiais elevados pressionavam para baixo os preços dessa *commodity*, uma vez que, dado o seu volume, não havia, como ainda não há, uma perspectiva de escoamento desses excedentes. Os maiores produtores mundiais, como os Estados Unidos, não têm conseguido reorientar efetivamente suas políticas para a cultura, de forma a diminuir o ímpeto de expansão da oferta. As reduções experimentadas têm sido bastante inexpressivas, com corolários no comércio internacional, já convulsionado por profundas transformações.

O mercado mundial, por sua vez, passa por um processo de mudanças. Ocorre uma reestruturação da indústria têxtil, buscando maior produtividade industrial e melhor qualidade do produto final, aliada a modificações do processo produtivo para trabalhar em tempo real. O resultado disso é a segmentação do mercado mundial de fibras, não só com um enorme incremento das fibras sintéticas, resultante de um contínuo processo de inovação na química fina, mas também com a exigência de fibras naturais de maior resistência, essenciais para o sucesso desse progresso tecnológico. Nas fibras sintéticas o desenvolvimento tem sido estupendo, sendo que o vertiginoso crescimento relativo de sua utilização tem efeito redutor na demanda global de fibras naturais, pois tem-se ganhos no sentido da adequação para processamento com o uso de fibras sintéticas especialmente formuladas com determinado objetivo. Desse modo, as fibras sintéticas abocanharam parte considerável da demanda de fibras naturais, mas os reflexos do processo sobre estas últimas não é só esse. Exigências de tipo e resistência tornaram o algodão de fibras inferiores um produto cada vez mais descartável, pois apenas fibras naturais de médias a longas e maior resistência são ainda superiores às sintéticas.

O mercado mundial de algodão segmenta-se de forma rápida com os estoques de fibras de qua-

lidade inferior tornando-se progressivamente menos importantes, com uma crescente utilização secundária nas misturas com fibras de melhor qualidade (sintéticas ou naturais). O reflexo disso no Brasil é direto, pois tem-se aqui uma indústria têxtil que se reestrutura e que se mantém competitiva no plano mundial. Como a cotonicultura tem produzido predominantemente algodão de tipo inferior, mantendo-se esse estágio, tem-se um aprofundamento de nível de incompatibilidade em relação à indústria, que cada vez exige quantidades maiores de fibras naturais de tipo superior ou sintéticas e relativamente menos do tipo de algodão comum.

É preciso insistir sempre nessa segmentação do mercado mundial e seus reflexos no Brasil para que tudo não fique sendo tratado de maneira simplista, como produto de uma briga mesquinha entre industriais e cotonicultores. A causa é estrutural e deve ser discutida como tal, dentro de um universo da reestruturação industrial em curso, e não como mero reflexo conjuntural de um mercado sobreabastecido.

Pode parecer deslocada essa colocação num trabalho que quer discutir a atual safra de algodão, mas não é, porque sem um prévio entendimento dessa questão mais ampla não se entenderá nada da conjuntura em que têm transcorrido as últimas safras, que não é factível de ser explicada por uma mera exposição das evoluções de preços e quantidades no tempo. Esses dados não se explicam mutuamente, ao contrário, têm de ser explicados. O trabalho pretende dar uma contribuição nesse sentido, analisando a conjuntura da atual safra de algodão (1992/1993) em contraposição à anterior (1991/1992). Como toda análise feita concomitante com o processo no qual transcorre a safra, muitas percepções dessa realidade podem-se mostrar como equívocos, mas esse é um risco calculado que deve ser corrido pelo analista de conjuntura.

Previamente será discutido no tópico seguinte o problema da qualidade da fibra do algodão que tem sido levantado no debate da crise atual. As colocações a respeito não elencam elementos concre-

tos da questão abordando de forma equivocada ao depreciar o produto nacional.

## 2 - BREVE COMENTÁRIO SOBRE O PROBLEMA DA QUALIDADE DA FIBRA BRASILEIRA

Preliminarmente, antes de enfocar o problema das safras recentes, é preciso contextualizar o complexo têxtil brasileiro no conjunto das mudanças mundiais. As indústrias de tecelagem e vestuário têm introduzido equipamentos a jato de ar que pela velocidade de operação, exigem resistência adequada da fibra para garantir rendimento industrial compatível. Por outro lado, a presença das fibras artificiais e sintéticas é crescente. Esse tipo de fibra representava 12,87% do consumo nacional em 1963/65 e 29,66% em 1989/91. As fibras naturais decrescem de 87,13% para 70,34% no mesmo período, sendo que no conjunto destas cresce a participação do algodão de 76,40% para 91,87% (Tabela 1).

Portanto, há no Brasil a tendência de crescimento da utilização das fibras sintéticas, com ganho de espaço das fibras naturais. Essa transformação em nível mundial produz uma inversão no comércio exterior. Na indústria têxtil tradicional, os países avançados detinham a matriz industrial e se abasteciam no mercado internacional para obter matéria-prima. Os países de grande expansão territorial, como os Estados Unidos, vendiam algodão para a indústria inglesa e na evolução desse processo, após a crise de 1930, o Brasil também ocupou posição semelhante, razão da grande expansão interna da cotonicultura.

No momento atual, os países avançados, além de terem o parque têxtil moderno, vêm transformando-os crescentemente numa indústria química, e tornando-se produtores e exportadores de fibras sintéticas, reduzindo proporcionalmente suas compras dos países produtores de fibras naturais. O Japão é o exemplo mais notório dessa tendência, onde as inovações da química fina gestam fibras sintéticas cada vez incorporando mais as qualidades desejáveis encontradas nas fibras naturais. O preço do petróleo, sob controle no tocante a movimentos altistas, tem garantido uma perspectiva de continuidade nesse processo, afastado no momento o fantasma de nova

crise dessa matéria-prima vital. O problema brasileiro não é a dependência de importação de petróleo, mas a dependência tecnológica associada à incapacidade financeira para bancar um programa avançado de pesquisa em química fina capaz de fazer frente ao desenvolvimento do complexo têxtil. Por outro lado, na produção de fibras naturais, especialmente o algodão, o Brasil tem capacidade técnica reconhecida mundialmente.

### 2.1 - Material Genético Nacional e Qualidade da Fibra

É preciso esclarecer esse aspecto para que não sejam tomadas medidas imediatistas com efeitos catastróficos para a nação como um todo. O algodão é uma cultura da qual o Brasil deve se orgulhar de ter desenvolvido, um núcleo endógeno dinâmico de geração de tecnologia agrícola competitivo em nível mundial, que nada fica a dever aos países mais avançados. A pesquisa agropecuária paulista, centrada no Instituto Agrônomo, realizou contribuições de vulto no tocante à elevação da produtividade, que passou de 500 para 2.000 kg/ha nos últimos 30 anos. O melhoramento do algodão incorporou resistência a doenças outrora limitantes, como a murcha, e procura o mesmo para a ramulose. Essa linha de pesquisa trabalha com um grande conjunto de variáveis, algumas correlacionadas negativamente, o que demanda esforços cada vez mais incisivos para manter ou ampliar o potencial do material genético comercializado. Por outro lado, a porcentagem, o comprimento e a resistência da fibra foram consideravelmente aumentados, sendo que a variedade IAC-20, plantada na ampla maioria dos cultivos herbáceos, tem fibra média (30 a 32 mm) e boa resistência.

Esse padrão é condizente com o da maioria dos países produtores de algodão, inclusive os Estados Unidos. É importante ter isso claro para analisar corretamente o problema da crise recente. Enquanto potencial de produtividade e qualidade, a IAC-20 atende plenamente às exigências da indústria brasileira, fato reconhecido por técnicos de tecelagem de várias indústrias modernas em contatos feitos nesta safra. Portanto, o Brasil parte de um patamar completamente diferente dos países algodoeiros

TABELA 1 - Consumo Industrial de Fibras Têxteis no Brasil, por Tipo, Média dos Triênios, 1963/65 e 1989/91 (em 1.000 t)

Triênio	Naturais		A/B (%)	Sintéticas <sup>1</sup> (C)	Total (D)	Participação (%)		
	Algodão (A)	Total (B)				A/D	B/D	C/D
1963/65	270,93	354,50	76,40	52,37	406,87	66,59	87,13	12,87
1989/91	752,70	829,27	91,87	345,43	1.164,70	64,63	70,34	29,66

<sup>1</sup>Inclui artificiais.

Fonte: CARTA TÊXTIL (1992).

subdesenvolvidos que não detêm semelhante capacidade endógena de geração de tecnologia. A questão conjuntural atende a problemas de outra ordem, que têm sido escamoteados na discussão.

A produtividade do algodão, crescente durante várias décadas, decresce nas últimas safras. Problemas climáticos explicam parte desse comportamento, mas essa queda da produção por área pode também ser atribuída a outras causas. O desestímulo à produção é patente e compõe-se de vários fatores. Os custos têm se mantido em patamares maiores face à queda de rendimento, enquanto que os preços não acompanham essa tendência. Os preços mínimos têm se reduzido em termos reais, ao mesmo tempo em que a liberação de recursos para a comercialização da safra nos últimos anos tem se processado em níveis insuficientes, ou atrasada, quando as vendas já haviam sido realizadas pelos agricultores a preços baixos. A isso se soma a desastrosa política neo-liberal adotada a partir de 1990, onde as barreiras tarifárias foram eliminadas de maneira abrupta expondo a produção nacional a um mercado mundial com elevados excedentes. Além disso, a prática de subsídio à exportação por parte do maior produtor mundial, os Estados Unidos, deprime os preços.

Esse panorama, tomado nas últimas três safras, conjuga o pior dos cenários para a produção brasileira de algodão: clima desfavorável, custos unitários crescentes e política de sustentação governamental inexistente - pois direciona-se para a não intervenção - preços do produto importado cadentes,

com maiores facilidades de pagamento, além da proteção do país de origem e ausência de barreiras internas. A rentabilidade do algodão se reduz drasticamente com a adoção desse receituário neoliberal, promovendo um abandono progressivo da cultura. Ao contrário do que normalmente se imagina, o mercado não é neutro nem promove inexoravelmente a eficiência. Num quadro como o que se apresentou para o algodão, os efeitos são deletérios, pois os mais eficientes reordenam suas atividades, e para reduzir prejuízos diminuem drasticamente ou até abandonam a atividade.

Para comprovar tal proposição basta ver como esse processo se deu em regiões de alta produtividade como as de Leme e Ituverava em São Paulo, onde um grande número de cotonicultores, que há muito se dedicavam à atividade e que empregavam técnicas modernas, deixaram a cultura ou reduziram drasticamente as áreas cultivadas. Dentre os que ficaram, a razão fundamental é que possuem investimentos em equipamentos que impedem uma rápida desmobilização do capital sem prejuízos vultosos. Ao contrário desses modernos agricultores eficientes que mudam rapidamente de atividade, o contingente de cotonicultores com menor nível tecnológico têm maior dificuldade para mudarem de atividade, principalmente os arrendatários do Oeste Paulista. O algodão, para esses plantadores, não só é uma cultura que dá emprego à família, bem como as opções são bastante insatisfatórias. No seu conjunto, essa realidade desestimuladora produz uma redução no uso de in-

sumos como fertilizantes e defensivos, sendo consequência dessa condução inadequada a má formação do capulho, perdendo qualidade da fibra. Desse modo, não há como estranhar que uma variedade como a IAC-20 não manifeste todo seu potencial, apresentando rendimento cadente e fibras mais curtas e menos resistentes.

Portanto, não há razão para o posicionamento de pura e simples condenação do material genético nacional porque, nas condições em que está mergulhada a cultura, a resposta à introdução de material genético exógeno certamente não será satisfatória. Ao contrário, pode introduzir problemas como doenças e pragas inexistentes no Brasil. O fracasso dessas introduções é traço comum de todas as experiências privadas de importação de variedades, sendo que a maioria não tendo alcançado frutos positivos, retornou ao uso de material nacional.

## 2.2 - A Inadequação do Material Genético Importado

Dos materiais exógenos<sup>3</sup>, aquele que mais tem chamado a atenção é a variedade americana Deltapine Acola 90 que se assemelha à variedade IAC-20 em produção de fibra por hectare, bem como em resistência à ramulose. No entanto, produz 6,2% menos que a IAC-20 em algodão em caroço, e é susceptível a nematóides e ao vírus do mosaico comum, com uma infestação de mosca branca em torno de 25,6% contra um máximo de 0,1% da variedade IAC-20, além de ser pouco resistente à murcha do *Fusarium*. A fusariose é uma doença limitante no Estado de São Paulo, podendo trazer consequências sérias em termos de prejuízos ao cotonicultor. O nematóide também está presente na maioria das lavouras, produzindo perdas ponderáveis quando se utiliza material não resistente. Somente esses elementos técnicos já desaconselhariam a utilização da Deltapine Acola 90, contudo é preciso agregar que a mesma tem caroço pequeno (5,6g contra 7,5 g da IAC-20) o que a torna imprópria para a colheita manual. O indicativo de maior susceptibilidade à mosca branca, num plantio sucessivo de 2 a 3 anos dessa variedade importada, pode tornar essa praga e a virose a ela associada (mosaico comum) fatores econo-

micamente limitantes para a já combatida cotonicultura nacional. Nas plantações africanas essa virose trouxe problemas de mela e açúcares na fibra. Portanto, a opção pela variedade importada pode se constituir num pesadelo para a produção de algodão nacional, fato esse não levado em conta pelo modismo desregulacionista, que na verdade esconde interesses imediatistas.

A discussão sobre a qualidade da fibra do algodão brasileiro não pode, para manter-se num nível aceitável de seriedade, escamotear o fato conjuntural de que a qualidade da fibra existente no mercado é reflexo da situação em que se encontra a cotonicultura nacional, altamente desestimuladora, levando à redução do padrão tecnológico. O caminho nesse caso é o inverso daquele que pretendem os imediatistas, querendo imputar a culpa ao monopólio estatal paulista da semente, quando na verdade a causa advém do mecanismo deletério da crise econômica. Ademais, os magníficos resultados da pesquisa agrônômica no algodão tornam mais complicados saltos fantásticos de rendimentos agrícolas e de qualidade. A alternativa plausível é ainda trilhar a busca de uma indústria têxtil nacional com menor dependência tecnológica e produtiva em termos de matéria-prima. Não há como realizar esse desígnio a não ser com o fortalecimento da estrutura interna de pesquisa e produção de fibras naturais, das quais o algodão é o grande destaque.

## 3 - O COMPORTAMENTO DA OFERTA

Na safra 1992/1993, segundo as últimas estimativas, tem-se uma redução da produção mundial de algodão em pluma de 20,9 para 18,1 milhões de toneladas, correspondendo a um recuo de 13,14%. A diminuição dos estoques é menos expressiva (4,48%) pois o consumo de fibras naturais cai no período. Desse modo, no tocante aos impactos dos estoques sobre o mercado a crise se aprofunda, pois na safra de 1991/92 tinha-se excedentes armazenados equivalentes a 42,29% da safra anual, enquanto que em 1992/93 tem-se um nível proporcional a 46,50% da produção anual (Tabela 2).

A análise global desse comportamento, referente a produção e estoques nas duas últimas

TABELA 2 - Produção e Estoque de Algodão em Pluma, no Mercado Internacional, Abril de 1993  
(em 1.000 t)

Ano	Produção (A)	Estoques (B)	B/A (%)
1991/92	20.893,2	8.835,4	42,29
1992/93	18.147,6	8.439,1	46,50
Varição (%)	-13,14	-4,48	-

Fonte: Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), Previsão de abril de 1993.

safras, mostra um avanço dos estoques em termos relativos à produção anual e, com isso, seus impactos sobre os preços poderão ser mais decisivos no sentido de baixa. Isso porque forja um mercado de matérias-primas rígido para cima com capacidade de rapidamente amainar qualquer movimento altista das cotações. A redução do consumo pode ser creditada em parte à recessão das principais economias desenvolvidas ou, mais que isso, ao contínuo ganho de espaço pelas fibras sintéticas, pois a indústria de vestuário deixa de ter, cada vez mais, uma base agrícola, numa metamorfose de agroindústria para indústria química.

Assim, além das perspectivas de preços rígidos para cima mantendo-se em patamares baixos, como fruto de estoques relativos mais elevados, tem-se uma expectativa de médio e longo prazo de redução do consumo de algodão. Esse comportamento é ainda mais claro no tocante às fibras de tipo inferior, que formam a maior parcela de excedentes mundiais. Para os cotonicultores brasileiros, na sua maioria, dada a redução do padrão tecnológico da cultura, essa perspectiva é desalentadora, pois tem-se estoques de produto nacional para uma importação crescente de matéria-prima pelos industriais, inclusive com acesso ao algodão de tipo superior a preços menores. Esse processo pode acabar num encalhe do produto nacional em estoque, frente a uma utilização crescente de produto importado. E esses estoques serão progressivamente mais descartáveis.

Ao descer do nível de análise do plano mundial para o nacional essas perspectivas se confirmam, pois, segundo as últimas estimativas, a produ-

ção brasileira de algodão reduziu-se de 653,8 mil para 503,9 mil toneladas da safra 1991/92 para a 1992/93. Isso corresponde a um recuo de 22,9% para um consumo 2,7% maior exigindo, por conseguinte, um aumento de 49,6% das importações. Para um País que já foi exportador e tinha auto-suficiência na produção dessa matéria-prima, os desempenhos são desalentadores. Na safra 1991/92 a importação representava 26,6% do consumo e em 1992/93 ela subiria para 38,7%, com uma indústria nacional claramente mais dependente do mercado mundial (Tabela 3). Os estoques brasileiros, além de serem de volume reduzido, são de tipo inferior.

No entanto, essa situação pode se concretizar como ainda mais grave, pois os operadores de mercado têm trabalhado com uma expectativa de safra menor, prevendo uma quebra maior que as captadas pelas estimativas de fevereiro da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) para o Centro-Sul. Essa região representou, em 1991/92, 87,6% da produção nacional. Analisando com base na estimativa de fevereiro o comportamento das duas últimas safras nessa região nota-se uma redução de 36,8% da área plantada para uma oferta cadente em 23%. Isso porque, com o bom desempenho do Centro-Oeste e de aumento de produtividade em São Paulo e Paraná, tem-se previsto um aumento de 21,7% na produção por área, o que compensaria parte da drástica redução de área (Tabela 4).

Os problemas de condução da safra, face aos veranicos do final do ano e às chuvas de fevereiro, levam um grande número de operadores do mercado a trabalhar com expectativas de produtivida-

TABELA 3 - Produção e Estoques de Algodão em Pluma, no Brasil, Safras 1991/92 e 1992/93  
(em 1.000 t)

Safra	Produção	Consumo	Importações
1991/92	653,8	730,0	193,90
1992/93	503,9	750,0	290,00
Variação (%)	-22,9	+2,7	+49,6

Fonte: ANÁLISE (1993).

TABELA 4 - Área, Produção e Rendimento da Cultura do Algodão, Região Centro-Sul do Brasil, Safras 1991/92 e 1992/93

Safra	Área (1.000 ha)	Produção em pluma (1.000 t)	Rendimento <sup>1</sup> (kg/ha)
1991/92	1.235,4	572,6	1.338
1992/93	781,0	440,9	1.629
Variação (%)	-36,8	-23,0	+21,7

<sup>1</sup>O rendimento foi calculado para produção em caroço.

Fonte: ANÁLISE (1993).

de da terra bastante menores para a produção paranaense e paulista. Do conjunto de várias opiniões de agentes da comercialização em abril, pode-se esperar um rendimento agrícola entre 1.400 e 1.500 kg/ha para a safra do Centro Sul. Supondo o limite inferior, a produção regional seria reduzida em 62 mil toneladas e, tomando o superior, a queda totalizaria 34 mil toneladas. Mantido o consumo previsto, portanto, as necessidades de importação seriam maiores, situando-se entre 324 mil e 352 mil toneladas, o que corresponderia respectivamente a 43,2% e 46,9% do consumo. As notícias de que também a safra nordestina, por problemas de seca, manteria seu patamar do ano anterior, frustrando as expectativas de aumento, podem redundar em crescimento ainda maior da necessidade de importação.

#### 4 - O COMPORTAMENTO DOS PREÇOS

A análise dos preços da safra compreenderá os meses de março e abril que, segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) para fevereiro, abrangem 88% do algodão colhido

(ANÁLISE, 1993). Por outro lado, dada a situação vigente, de uma economia marcada por elevadas taxas de inflação, é fundamental a escolha de uma forma de expressar os preços com menores amplitudes de variação do poder de compra. Para tanto, utilizou-se a conversão em dólar norte-americano, que permite comparação direta com as cotações internacionais da *commodity* em questão. Como produto que tradicionalmente tem seus preços formados no mercado mundial, o comportamento no exterior tem efeitos no plano interno.

##### 4.1 - Comportamento dos Preços do Algodão em Caroço e em Pluma

As cotações de algodão em pluma da Zona Meridional brasileira apresentaram enormes oscilações no período 1985-92. Destacam-se as grandes altas de 1987 e 1989, quando os preços atingiram níveis superiores a US\$100 cents por libra peso. Nos demais anos tem-se um nível médio consideravelmente menor, em torno de US\$60 cents em 1985, 1986 e 1988, e por volta de US\$70 cents em 1990/91

(Figura 1). Portanto, na segunda metade da década de 80 os preços do algodão em pluma se mantiveram baixos no mercado brasileiro, à exceção das duas fases altistas. Mas, em nível do cotonicultor, o processo não se reproduz de forma direta. Tomando os meses de safra paulista (março/abril/maio), tem-se o quadriênio 1988/91 com preços acima de US\$70 cents, sendo que no triênio 1985/87 os preços se mantiveram abaixo de US\$60 cents. O pior ano da ótica dos preços do algodão em pluma foi o de 1992, quando as cotações na safra atingiram níveis de US\$48 cents por libra peso (Figura 2).

A análise dos preços das duas últimas safras tem como condicionante o fato de que a base é uma safra absolutamente baixista, como 1991/92, que não pode servir de parâmetro para comparação ano a ano, porque qualquer dado comparativo demonstrará um salto nos preços que, ao invés de tendência altista, significa mero ajuste à normalidade. É o caso da safra 1992/93, cuja média de US\$68 cents por libra peso para o algodão em pluma representa uma elevação de 41,67% nas cotações, sem que os preços praticados tenham alcançado patamares em torno dos US\$70 cents do período 1988/91 (Figura 2). Dentro desse quadro, é mais coerente adotar-se a análise somente dos preços da safra 1992/93, tendo como parâmetro os custos operacionais, para se ter uma idéia mais consistente da conjuntura em que se desenrolou a comercialização.

Em março de 1993, começo das vendas pelo cotonicultor, o preço recebido se situava em torno de US\$7,50 por arroba, tendo caído drasticamente no correr do mês e atingindo US\$5,67 no final (Tabela 5). Em abril essa tendência se manteve, pois, mesmo tendo se elevado a US\$6,09 no início, apresentou queda persistente, fechando a safra em US\$5,12 (Tabela 6). Desse modo, as cotações de algodão em nível do produtor tiveram uma queda significativa no correr da safra, o que se torna mais grave quando se alia o fato de que no início os cotonicultores retardaram um pouco as entregas na esperança de que a frustração da safra elevasse os preços. Tal não ocorreu e a maior parcela da produção foi vendida na faixa de US\$5,10 a US\$5,80 para o algodão tipo "6".

O custo operacional médio foi calculado pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), em US\$4,83 e US\$4,36 para produtividades de 2.385 e

1.905 kg/ha, respectivamente. Corrigindo essa estimativa para um nível de produtividade média obtido em torno de 1.470 kg/ha, obtém-se o valor de US\$4,92 por arroba. Portanto, tem-se uma rentabilidade bastante exígua, que não remunera adequadamente todos os fatores de produção. Para cotonicultores de médio padrão tecnológico, com produções por área inferiores a 1.400 kg/ha, ocorreram prejuízos. Isso também aconteceu para plantadores que empregaram alta tecnologia, mas viram suas colheitas frustradas por questões climáticas e obtiveram menos que 1.600 kg/ha. No conjunto da safra 1992/93 tem-se um quadro desestimulador no tocante à rentabilidade da cultura do algodão, o que certamente provocará, caso não sejam tomadas medidas consistentes que revertam as expectativas, uma repetição do panorama pessimista quando do plantio da nova safra no segundo semestre.

#### 4.2 - O Governo como Expectador da Crise

O papel passivo do Governo Federal pode ser notado sob duas óticas: a manutenção da plena liberdade tarifária que garante a entrada livre de produto importado e uma política de preços mínimos inócua. Os preços mínimos foram fixados em patamares tão reduzidos que, numa safra de preços baixos, estiveram persistentemente inferiores aos preços de mercado numa postura de não intervenção. Tendo começado a safra com US\$5,08 por arroba no início de março, no final do mês haviam sido reduzidos para US\$3,99. Corrigido mensalmente, atingiu US\$4,96 no primeiro dia de abril para sofrer nova perda de poder aquisitivo fechando o mês em US\$3,91 por arroba (Tabelas 5 e 6).

Dado o nível do preço mínimo adotado, de nada adiantaria a sistemática de correção com prazo menor, pois não cumpriria o papel de sustentação de renda do cotonicultor para o que deveria ser bastante mais elevado, em torno de US\$7,50 por arroba nesta safra. Mais grave que o patamar do preço mínimo é a política de recursos para comercialização da safra. De um lado, repetindo o que aconteceu na safra passada, o Governo liberou recursos em níveis insuficientes e quando a colheita já passava da metade. Essa prática deprime os preços, pois os agricultores vendem rapidamente parte ou toda sua

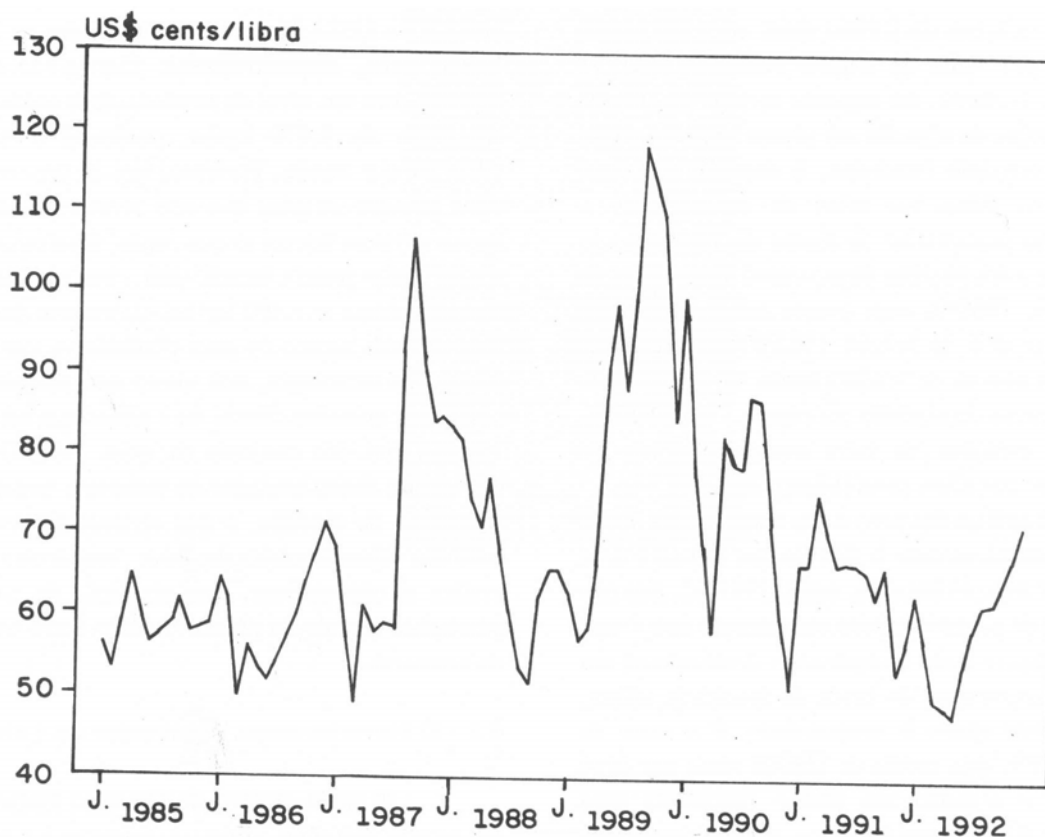


FIGURA 1 - Cotações de Algodão em Pluma, tipo "6", Zona Meridional, Pagamento à Vista, sem ICMS, Médias Mensais, 1985-92.

Fonte: Dados básicos não publicados da Bolsa Mercadorias & Futuros (BM&F), convertidos pelo autor pela média mensal do dólar comercial para venda.

produção para honrar compromissos inadiáveis, ficando sem o crédito de comercialização que lhes permitiria fugir da venda no afogadilho.

Por outro lado, a política de comercialização da safra se tornou mero complemento da política de crédito, pois passou a ser uma prorrogação do crédito obtido, tendo acesso apenas quem usou essa forma de financiamento. O crédito oficial cobre parcela reduzida da produção e a maioria dos que o conseguem é formada de grandes plantadores. Desse modo, a política de comercialização não só penaliza quem custeou a lavoura com recursos próprios ou outra forma de financiamento, como também é profundamente regressiva ao magnificar o privilégio dos maiores cotonicultores. Desse modo, mais que insuficiente e inócua, ela é perversa.

Os cotonicultores, tradicionalmente, não têm uma organização da produção solidária e forte capaz de enfrentar com maior capacidade de barganha o poder de mercado dos segmentos intermediários da comercialização. Não tendo a proteção governamental, ficam à mercê de agentes especulativos. Um indício disso é a margem do maquinista crescente na safra, isto é, promovendo depressão ainda maior dos preços recebidos, aproveitando-se de uma conjuntura problemática. Esse agente que na maioria dos países algodoeiros é um prestador de serviços, no Brasil se converteu num intermediário, inclusive com acesso ao crédito de comercialização. A margem bruta do maquinista é crescente e, saindo de 7,50% no início de março, atingiu 38,15% no final de abril (Tabelas 5 e 6). Esse fato demonstra



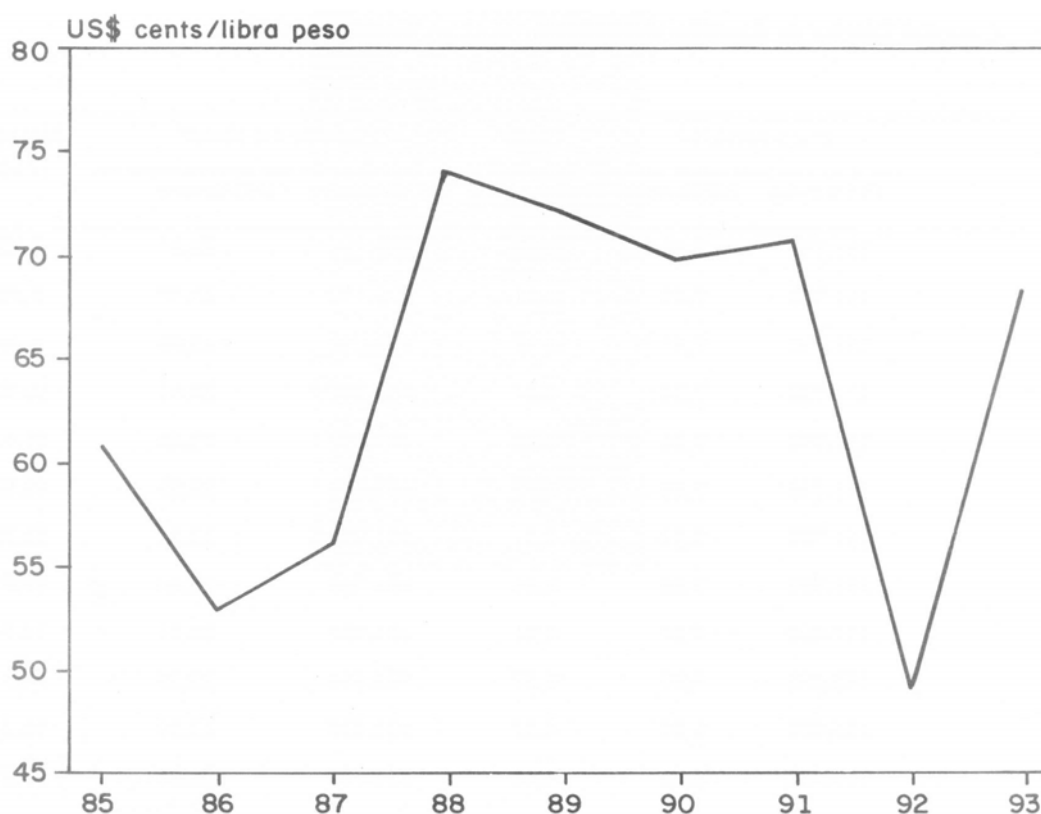


FIGURA 2 - Cotações de Algodão em Pluma, tipo "6", Zona Meridional, Pagamento à Vista, sem ICMS, Médias dos Meses de Safra Paulista (março/abril/maio), 1985-93.

Fonte: Dados básicos não publicados da Bolsa de Mercadorias & Futuro (BM&F), convertidos pelo autor pela média mensal do dólar comercial para venda.

que o maquinista atuou especulativamente no período de safra, não repassando ao cotonicultor as elevações de preços ocorridas em nível de mercado do algodão em pluma.

As informações do mercado corroboram essa perspectiva. Em março o preço recebido cai 6,1% em termos nominais, enquanto que a cotação de algodão em pluma cresceu 14,2%; desse modo a redução do preço em dólar foi muito mais expressiva para o agricultor (-25%) que para o maquinista (-9%), alargando sua margem (Tabela 5). Em abril esse fato se amplia, com aumento nominal de 6% nos preços recebidos e de 41% para o algodão em pluma, o que faz os preços em dólar serem cadentes para o cotonicultor (-15,9%) e crescentes para o maquinista (11,3%). Assim, quando as cotações do algodão em

pluma são crescentes, esses ganhos não são repassados ao cotonicultor na mesma proporção e, quando são cadentes, as perdas são transferidas em índices mais elevados.

A presença de um volume elevado de estoques mundiais e a possibilidade de importação livre de barreiras protecionistas têm sido usados para depressir o preço interno. Durante toda a safra as organizações da produção solicitavam que o Governo Federal adotasse tarifa de importação da ordem de 10% a 35% para proteger a produção nacional. Essa medida não foi tomada a tempo, dadas as pressões da indústria evocando a possibilidade de retaliações, principalmente do grande exportador mundial, os Estados Unidos, além de possíveis problemas com parceiros do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL). A defesa

TABELA 5 - Cotações Diárias de Algodão no Mercado Paulista, Março de 1993

Dia	Preço recebido <sup>1</sup>		Preço mínimo <sup>2</sup> (US\$/arroba)	Algodão em pluma <sup>3</sup>		Margem <sup>4</sup> (%)
	Cr\$/arroba	US\$/arroba		Cr\$/arroba	US\$/arroba	
1	151.750	7,56	5,00	468.750	23,37	7,50
2	151.750	7,49	4,95	476.250	23,50	8,96
3	151.750	7,41	4,90	476.250	23,26	8,96
4	151.750	7,34	4,85	486.250	23,51	10,83
5	151.750	7,26	4,80	492.250	23,56	11,92
8	151.750	7,19	4,75	501.250	23,75	13,50
9	151.750	7,12	4,71	501.250	23,52	13,50
10	151.750	7,05	4,66	503.750	23,40	13,93
11	153.000	7,04	4,61	511.250	23,51	14,50
12	153.000	6,97	4,57	513.750	23,39	14,91
15	153.000	6,90	4,52	521.250	23,50	16,14
16	150.750	6,73	4,48	521.250	23,26	17,37
17	144.500	6,39	4,43	516.250	22,81	20,03
18	137.500	6,02	4,39	515.000	22,53	23,72
19	137.500	5,96	4,34	516.250	22,36	23,90
22	137.500	5,90	4,30	516.250	22,13	23,90
23	137.500	5,84	4,26	516.250	21,91	23,90
24	140.000	5,88	4,21	512.500	21,53	21,95
25	142.500	5,92	4,17	513.750	21,36	20,75
26	142.500	5,86	4,13	513.750	21,13	20,75
29	142.500	5,80	4,08	515.000	20,95	20,94
30	142.500	5,74	4,04	527.500	21,23	22,82
31	142.500	5,67	3,99	535.000	21,30	23,90

<sup>1</sup>Cotações médias de algodão em caroço para as principais regiões produtoras paulistas, calculadas com dados do Instituto de Economia Agrícola (IEA). Para conversão, usou-se o dólar comercial para venda.

<sup>2</sup>Preço mínimo de algodão em caroço de Cr\$100.291,01 convertido em dólar pela cotação diária de venda.

<sup>3</sup>Cotações médias de algodão em pluma tipo 6, da Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) convertidas pelo dólar comercial para venda.

<sup>4</sup>Margem do beneficiamento calculada em relação ao preço recebido, estimando um rendimento de 35% para transformação do algodão em caroço para pluma.

Fonte: Dados não publicados do Instituto de Economia Agrícola, para os preços recebidos e da Bolsa Mercadorias & Futuros (BM&F), para os preços do algodão em pluma.

TABELA 6 - Cotações Diárias de Algodão no Mercado Paulista, Abril de 1993

Dia	Preço recebido <sup>1</sup>		Preço mínimo <sup>2</sup> (US\$/arroba)	Algodão em pluma <sup>3</sup>		Margem <sup>4</sup> (%)
	Cr\$/arroba	US\$/arroba		Cr\$/arroba	US\$/arroba	
1	155.000	6,09	4,96	541.250	21,27	18,18
2	151.250	5,87	4,90	546.250	21,19	20,89
5	151.250	5,79	4,83	550.000	21,07	21,43
6	151.250	5,72	4,77	562.500	21,27	23,17
7	151.250	5,64	4,71	566.250	21,13	23,68
12	151.250	5,57	4,65	585.000	21,54	26,13
13	156.670	5,69	4,58	600.000	21,80	25,40
14	162.000	5,81	4,52	617.500	22,14	25,04
15	162.000	5,73	4,46	631.875	22,35	26,75
16	162.000	5,65	4,40	645.000	22,51	28,24
19	162.000	5,58	4,34	673.750	23,20	31,30
20	167.000	5,67	4,29	685.000	23,27	30,34
22	167.000	5,60	4,23	698.750	23,42	31,71
23	170.500	5,64	4,17	721.250	23,86	32,46
26	170.500	5,57	4,12	736.250	24,04	33,83
27	170.500	5,49	4,07	748.750	24,13	34,94
28	165.333	5,25	4,01	756.250	24,01	37,54
29	165.333	5,19	3,96	763.750	23,97	38,15
30	165.333	5,12	3,91	763.750	23,67	38,15

<sup>1</sup>Cotações médias de algodão em caroço para as principais regiões produtoras paulistas, calculadas com dados do Instituto de Economia Agrícola (IEA). Para conversão, usou-se o dólar comercial para venda.

<sup>2</sup>Preço mínimo de algodão em caroço de Cr\$100.291,01 convertido em dólar pela cotação diária de venda.

<sup>3</sup>Cotações médias de algodão em pluma tipo 6, da Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) convertidas pelo dólar comercial para venda.

<sup>4</sup>Margem do beneficiamento calculada em relação ao preço recebido, estimando um rendimento de 35% para transformação do algodão em caroço para pluma.

Fonte: Dados não publicados do Instituto de Economia Agrícola, para os preços recebidos e da Bolsa Mercadorias & Futuros (BM&F), para os preços do algodão em pluma.

dessa proteção ganhou, no final de abril, a adesão do maquinista, pois ele seria o grande beneficiado, e não o cotonicultor que já havia lhe vendido a produção. O estabelecimento dessa tarifa deve, portanto, aguardar a safra seguinte se o objetivo é estabelecer preços mais remuneradores à produção.

### 4.3 - Os Preços Internacionais e seus Impactos nas Cotações Internas

As cotações do algodão em pluma nas Bolsas de New York e São Paulo não guardaram uma relação direta em toda a safra 1992/93. Na primeira quinzena de março os preços subiram 4% em New York e 0,6% em São Paulo. Na segunda quinzena ambos caíram, sendo 5,8% no exterior e 9,4% internamente. Na primeira metade de abril também houve movimento ascendente dos preços em New York, de 3,6%, seguido de queda de igual magnitude no restante do mês, enquanto que no mercado paulista a cotação da pluma foi sempre crescente em abril, acumulando 11% no mês (Tabela 7). No plano internacional a presença de estoques expressivos e as sucessivas previsões de manutenção, e até mesmo o crescimento da produção mundial, têm mantido os preços em níveis pouco superiores a US\$60 cents por libra-peso, enquanto que no plano nacional a necessidade de aumento do volume de importação face à frustração de safra recuperou as cotações em abril.

A pressão dos preços internacionais sobre o mercado interno tem, além das cotações, o problema do tipo e das condições de pagamento. Em março o algodão em pluma brasileiro tinha preço superior ao de vários países fornecedores, embora seja de um tipo inferior. Desse modo, a indústria podia abastecer-se de produtos de melhor qualidade a preços menores, e mesmo o algodão norte-americano, mais caro que o nacional, podia ser mais vantajoso. Isso em razão dos prazos de pagamento, pois todas as compras externas no disponível podiam ser feitas com prazo de vencimento de 180 dias contra apenas 13 dias do nacional (Tabela 8).

Assim, não são somente os estímulos de preços, mas também a possibilidade de obter produtos de qualidade superior com melhores condições de pagamento, que habilitam a matéria-prima externa a ser atrativa para a indústria nacional. A indústria

aufere, portanto, as vantagens de um mercado mundial sobre abastecido para comprar matéria-prima a preço baixo, tanto no exterior como no mercado nacional e, lastreada num dos menores salários pagos dentre os países, mantendo portanto, competitividade. O custo por hora da mão-de-obra na indústria têxtil brasileira é pouco superior ao da Tailândia e Índia, com níveis de US\$1,42 por hora contra pagamentos acima de US\$16,00 na Bélgica, Alemanha e Itália e entre US\$10,00 e US\$14,00 nos Estados Unidos, França e Japão (Tabela 9). Trata-se de indústria de custos baixos tanto de matéria-prima como de salários, daí sua capacidade de competição.

## 7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise da produção brasileira de algodão não encontrou ainda o caminho da solução. Os excedentes mundiais pressionam os preços para baixo e as facilidades de importação provocam uma aparente facilidade de se manter esse processo de substituição às avessas, de produto nacional por importado, por longo período. A indústria têxtil e de vestuário moderniza-se, tanto com o crescente uso de fibras sintéticas como pelo uso de maquinaria onde a qualidade superior da fibra é essencial.

Ao Brasil, que adquiriu capacidade endógena invejável na geração de tecnologia de produção de fibras naturais, não há outro caminho plausível que não seja investir mais decididamente nessa alternativa para alargar os horizontes de produtividade e qualidade de sua fibra. A opção pela fibra natural nacional à base de algodão exige uma política que aumente a solidarização<sup>4</sup> dos segmentos do complexo têxtil pagando por qualidade e estabilizando a renda. A crise atual, provocando menos cuidado na condução da lavoura, notadamente adubação e controle fitossanitário, tem feito a produção perder em qualidade e quantidade face à potencialidade do material genético disponível. As críticas ao material genético, culpando o monopólio estatal paulista da semente, são inconseqüentes, escondendo interesses de outra ordem, pois as alternativas de introdução de material exógeno têm se mostrado impróprias.

A crise conjuntural exige efetiva intervenção governamental pois tem efeitos estruturais danosos. Os estoques mundiais crescem relativamente

TABELA 7 - Cotações Diárias de Algodão em Pluma no Mercado Internacional e Paulista, Março e Abril de 1993  
(em cents de US\$/libra-peso)

Dia	New York <sup>1</sup>	São Paulo <sup>2</sup>	Dia	New York <sup>1</sup>	São Paulo <sup>2</sup>
1	62,83	70,66	1	61,35	64,32
2	62,28	71,06	2	61,20	64,08
3	62,90	70,34	5	61,60	63,69
4	62,58	71,10	6	63,08	64,30
5	62,62	71,26	7	62,40	63,88
8	62,63	71,83	12	62,73	65,13
9	62,86	71,12	13	62,00	65,92
10	65,67	70,76	14	63,48	66,94
11	65,12	71,10	15	63,10	67,58
12	65,61	70,74	16	63,58	68,06
15	65,59	71,06	19	63,56	70,15
16	64,47	70,35	20	62,79	70,36
17	62,48	68,99	22	61,88	70,82
18	62,31	68,13	23	61,88	72,13
19	63,03	67,62	26	62,43	72,69
22	63,39	66,94	27	61,75	72,95
23	62,82	66,26	28	60,26	72,59
24	62,00	65,10	29	61,26	72,48
25	61,77	64,59	30	61,30	71,56
26	62,05	63,91	-	-	-
29	62,34	63,37	-	-	-
30	61,97	64,20	-	-	-
31	61,80	64,40	-	-	-

<sup>1</sup>Cotação média da Bolsa de New York, contratos a termo para entrega em julho.

<sup>2</sup>Cotações médias de algodão em pluma tipo 6, da Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) convertidas pelo dólar comercial para venda.

Fonte: Dados não publicados da Bolsa de New York e Bolsa Mercadorias & Futuros (BM&F).

TABELA 8 - Cotações de Algodão em Pluma, nos Mercados Internacional e Paulista, segundo Origem e Tipo, Média de Março de 1993

(em cents de US\$/libra peso)

Origem	Classificação (tipo)	Cotação	Prazo de pagamento (dias)
Africano	5	56,32	180
Paraguaio	5	65,26	180
Argentino	5,5	65,84	180
Grego	5	66,12	180
Americano	5	72,12	180
Brasileiro	6	68,01	13

Fonte: Dados não publicados das cotações internacionais são médias da Bolsa de New York, para o caso brasileiro, são médias das cotações da Balsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) convertidas pelo valor diário do dólar comercial de venda.

TABELA 9 - Custo da Mão-de-Obra na Indústria Têxtil, Diversos Países, 1993  
(em US\$/horas)

Países	Custo
Bélgica	17,85
Alemanha	16,46
Itália	16,13
Japão	13,96
França	12,74
Estados Unidos	10,02
Espanha	7,69
Taiwan	4,56
Coréia do Sul	3,22
Hong Kong	3,05
Brasil	1,42
Tailândia	0,92
Índia	0,72

Fonte: CARTA TÊXTIL (1993).

ao consumo e respondem por quase a metade das necessidades anuais e, nesse contexto, o Brasil, tradicional exportador, se converte em importador de quase a metade do total necessário de suprimentos. Dessa forma, forja-se uma situação de desestímulo interno, com reflexos no emprego e na renda. A atual safra é menor que as anteriores, persistindo expectativas pessimistas para o próximo período que, se não revertidas, causarão efeitos ainda mais dramáticos.

Em nível dos preços nota-se a postura governamental de ajuste pelo mercado, não levando em conta os problemas sociais, com abertura total do mercado interno e não sustentação de preços compatíveis, pois o preço mínimo teve queda real abrupta nos últimos anos, ficando muito aquém do patamar desejável. Os preços externos têm pressionado os preços internos e, apesar da safra 1992/93 ter praticado cotações superiores às da anterior, essas são insuficientes para repor os níveis históricos e fazer frente aos aumentos de custos. Isso face às seguidas frustrações de colheita, em razão do clima desfavorável. Um fato que chama a atenção é o papel especulativo desempenhado pelo maquinista com margens crescentes na crise, pois mesmo com certa

recuperação dos preços do algodão em pluma no final da safra, os preços recebidos pelo cotonicultor se mantêm defasados. Isso expõe claramente o baixo nível de organização dos produtores e de solidarização do complexo têxtil, sem o que as tentativas de solução do problema estrutural serão infrutíferas. Essa realidade exige uma ação governamental decisiva, construindo um conjunto de medidas que induzam maior organização e solidarização.

#### LITERATURA CITADA

- ANÁLISE de produtos: algodão. **Previsão e acompanhamento de safras**, Brasília, 17(3):11-14, fev. 1993.
- CARTA TÊXTIL. São Paulo, SINDITÊXTIL ABIT, 1992. 26p. Edição especial.
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. mar. 1993. 2p.
- GRAZIANO DA SILVA, José. Complexos agroindustriais e outros complexos. **Reforma Agrária**, Campinas, 21(3):5-34. 1991.

#### NOTAS

<sup>1</sup>O autor agradece ao Técnico Agrícola Luciano Balbino da Silva, pela coleta e elaboração dos dados utilizados. O autor aproveita o momento para homenagear o Pesquisador Científico Popílio Angelo Cavalieri que, num trabalho ininterrupto de várias décadas, ajudou a construir a modernidade da cotonicultura brasileira. O fato de ter sido atingido pela aposentadoria compulsória certamente não privará a pesquisa agropecuária em algodão de seu dinamismo, numa conjuntura em que o setor enfrenta grave crise. Recebido em 25/05/93. Liberado para publicação em 12/07/93.

<sup>2</sup>Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

<sup>3</sup>As informações sobre o comportamento da variedade Deltapine Acola 90 foram retiradas de ofício do Pesquisador Científico Imre Lajos Griddi-Papp do Instituto Agrônomo à Secretaria de Agricultura e Abastecimento, datado de 12/06/1993.

<sup>4</sup>Utiliza-se aqui o conceito de solidarização de interesses na acepção da análise neocorporatista de orquestração de interesses como instrumento analítico da formulação e implementação de políticas públicas de corte setorial. O trabalho de GRAZIANO DA SILVA (1991) conceitua setor dentro dessa abordagem e mostra sua relevância para estudar-se políticas agrícolas